

O Brasil está uma chatice.

Economia financeira

Vamos importar o Alfonsín.

Onde já se viu uma coisa dessas? É pior do que uma derrota da seleção brasileira na Copa do Mundo. Olha a crise argentina, comparada com a brasileira. Estamos humilhados, perdendo de goleada. Lá sim, está ótimo. Inflação de 1.000 por cento, desemprego alucinante, coisa de esfregar as mãos. Emoção pura: foi até preciso um "pacote", ou melhor, um "pacotão", daqueles bons mesmo: congelamento de preços, congelamento de salários, cortes violentos nas estatais.

Tratamento de choque, de matar de inveja o Brasil. O orgulho nacional está ferido. Onde já se viu isso? A Petrobrás se aproxima dos 600 mil barris diários de produção, reduzindo ainda mais a dependência do Brasil em relação exterior. A inflação, essa traidora, está caindo. As taxas de juros internacionais, essas sem-vergonhas, também estão caindo, reduzindo o peso dos juros a serem pagos este ano. O emprego, segundo a Fiesp, voltou a crescer na primeira semana de junho. Até as geadas — ah, as geadas de antigamente! — não fizeram os estragos que esperava, aqueles capazes de fazer explodir as taxas de inflação.

Como é que se pode viver sem uma boa "inflação do chuchu"? Como é que se pode suportar a existência quando as reservas cambiais estão crescendo? Não é possível, é insuportável: a arrecadação do Tesouro sobe 8 por cento em termos reais, a arrecadação dos Estados vai pelo mesmo ritmo, o "rombo" do Tesouro vai encolhendo, encolhendo sem mais nem menos. Cumé que fica o ca o Brasil, sem tratamento de choque e

sem declarações ca- Brasil, sem tratamento de choque e sem declarações caca o Brasil, sem tratamento de choque e sem declarações catastrofistas na imprensa? Cumé que ficam o noticiário da imprensa e as análises dos especialistas? Nessa chatice, nesse marasmo sem fim?

Será possível que vamos ter que conviver com a expectativa de dias melhores, e vamos ter que discutir a sério a possibilidade de dar prioridade aos problemas sociais do País? Será que vai acabar o facilitório de chegar na TV, na imprensa, e falar em caos, catástrofe, "beco sem saída"? Nem pensar. Não se pode viver assim. Chega de Sarney. Vamos importar o Alfonsín.

Pode parecer exagero, mas é essa a sensação que se tem, ao ler o noticiário dos jornais nas últimas semanas: as elites do Brasil estão com nostalgia de uma "boa crise", daquelas caprichadas como as de 1982/83, com saudades de "pacotes", daqueles acachapantes de 81, 81 e 83. Na falta de desgraças era preciso inventar um assunto da moda qualquer. Então está aí a lenga-lenga de que o Governo Sarney não se define, está indeciso, sem rumo. Pedem-se medidas violentas para derrubar os juros. Só que os juros estão caindo. Pedem-se medidas violentas para reduzir o "rombo" do Tesouro (se elas viessem, lá vinha a gritaria contra), que já está ficando menor. Pede-se apoio à agricultura — só que nunca se gastou tanto com a compra de safra como neste ano. Pede-se uma reforma tributária — só que, se ela já tivesse sido anunciada, daria motivo ao mesmo tipo de "críticas" que estão sendo dirigidas contra a "pressa" com que o Governo anunciou a reforma agrária ("sem ouvir os empresários") e a nova legislação de greves ("sem ouvir os empresários e os sindicatos").

Lógico que há "pescadores de águas turvas" em ação nessa onda de criticismo à "inoperância" do Governo Sarney. Há quem, por motivos políticos, prefira que o Governo não acerte muito. Como há quem deseje "forçar a mão", provocar mudanças ministeriais, para que seu "grupo" ganhe o controle do Governo. Mas o fato é que, mesmo sem segundas intenções, as elites estão embarcando na canoa de que "o País está parado". As elites? Elas, sim — pois a população parece pensar de forma bastante diferente. No último domingo, um jornal paulista, a "Folha de São Paulo", publicou uma pesquisa de opinião pública sobre o desempenho do Governo Sarney em seus três primeiros meses. A manchete enganosa, dizia que "para 42,2 por cento, o Presidente faz um governo regular", induzindo o leitor a acreditar em uma decepção popular. No texto, porém, podia-se ver que 35,3 por cento da população considerava o desempenho "bom" e 9,9 por cento como ótimo. Isto é: 45,2 por cento consideravam a atuação como "ótima e boa", contra 42,2 por cento de regular. Como 45,2 "ainda" é mais do que 42,2, conclui-se que predomina na população a aprovação ao Governo. Esse deveria ter sido a manchete.

Que as elites abram os olhos. O povo está cansado de emoções a la Alfonsín. Ou a la Delfim.